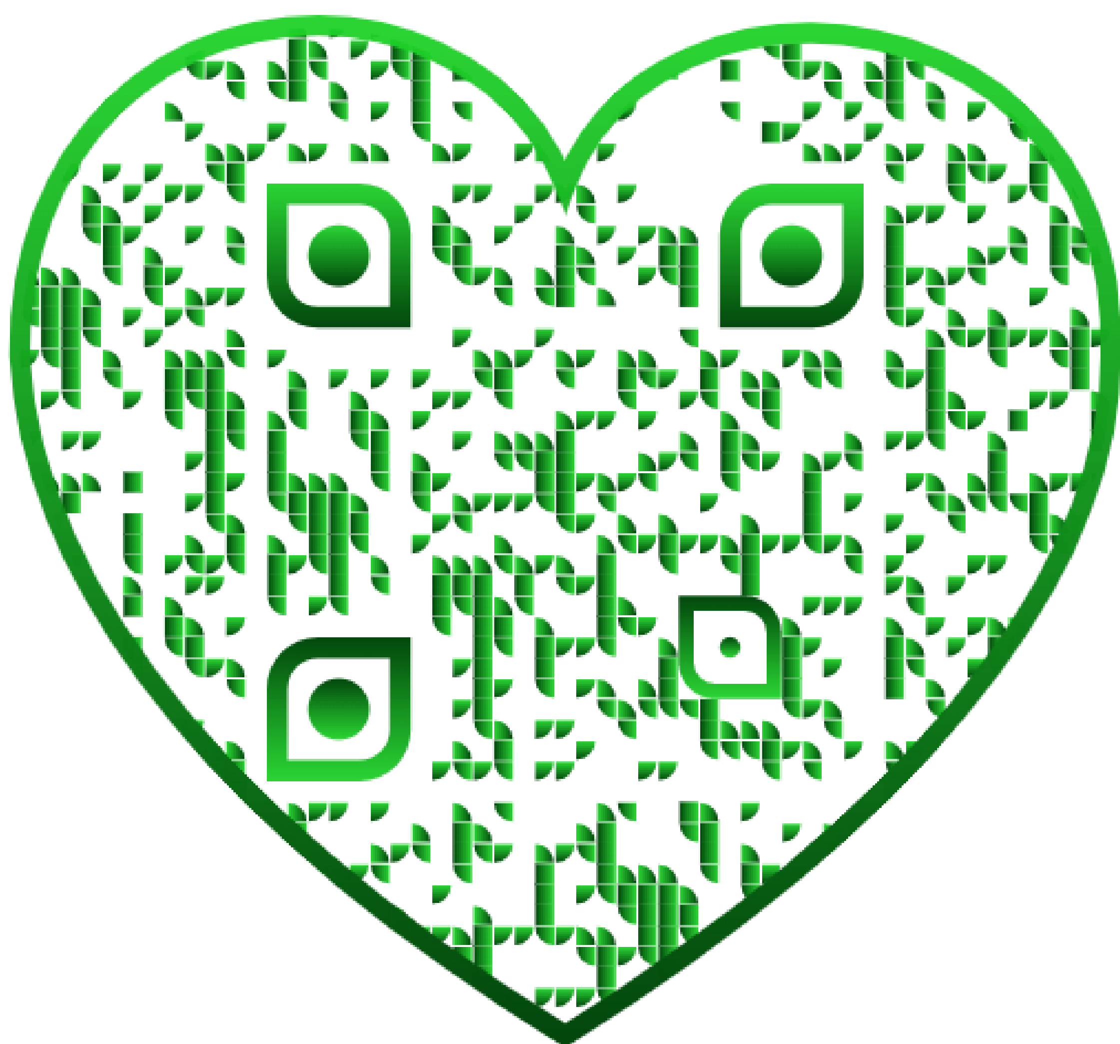
COLETÂNEA DE CONTOS



Marli D.H.F



Coletânea de Contos
De Terror
II

Marli D.H.F.

COLETÂNEA DE CONTOS



Marli D.H.F

Copyright © 2019 Marli D.H.F.

1ª Edição / Independente

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Obra: Coletânea de Contos de Terror II

Fernandes, Marli Dias Hernandez.

Capa: Marli D.H.F.

Diagramação: Marli D.H.F.

Revisão: Marli D.H.F.

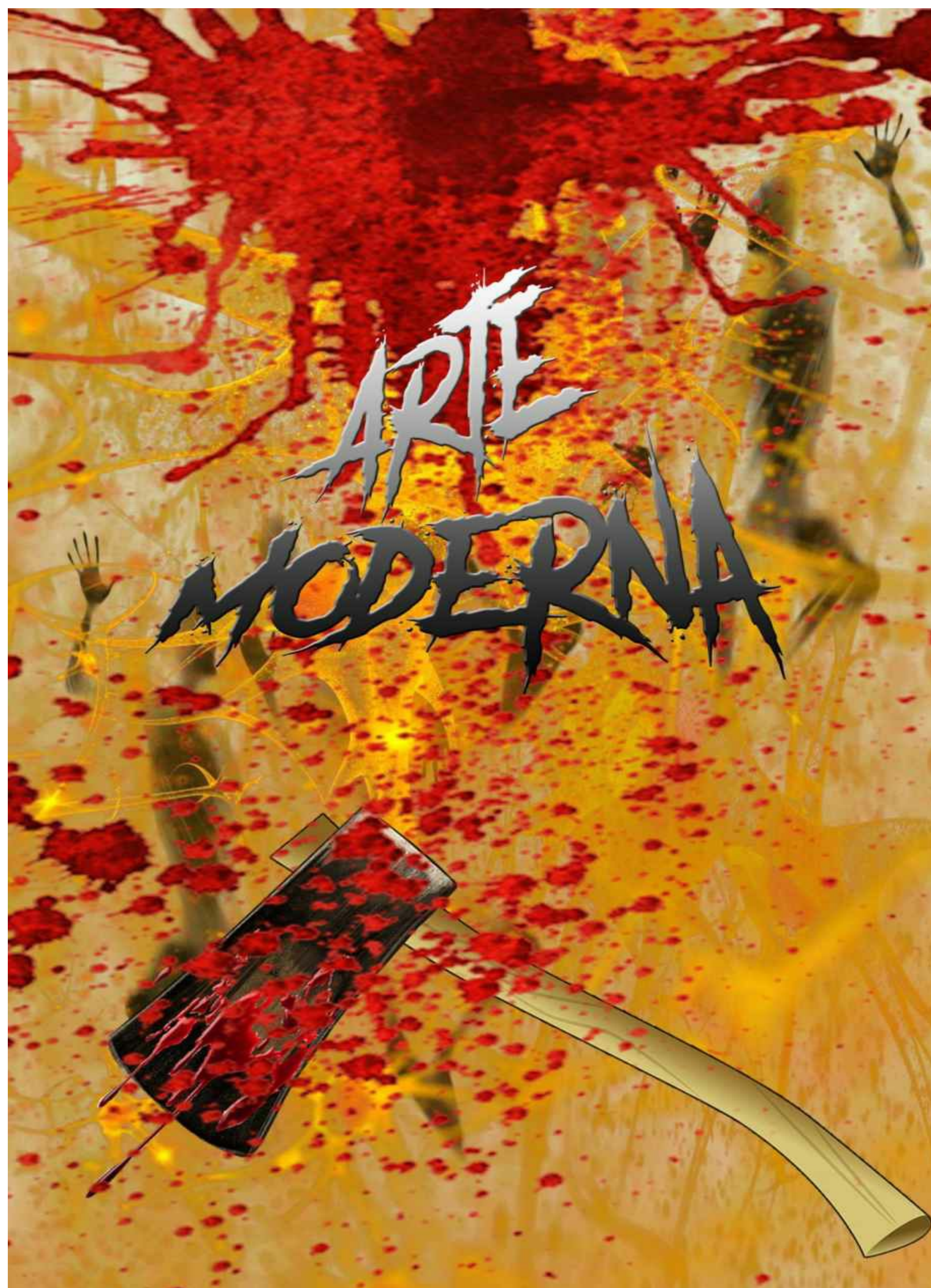
Edição: Marli D.H.F.

Gênero: Suspense/Terror

Obra Registrada

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n °. 9.610/ 98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.


ARTE
MODERNA

Arte Moderna

Naquela tarde, início de outubro de 2008. Senhor Haroldo, um advogado renomado da cidade de São Paulo, entrou pela porta com uma imensa caixa nas mãos. O sorriso brilhava de canto a canto em sua face. Paula, sua dedicada esposa, o recebeu com um grande abraço. Logo, seus filhos desceram as escadas da imponente mansão Daltro, que ficava em um bairro nobre, queriam ver de perto a mais nova aquisição de seu pai: um colecionador de artes. Todos o cercavam, na ansiedade de ver com os próprios olhos, a obra mais cara que o homem já havia adquirido. Ficaria exposta na imensa sala de visitas, onde olhos apurados poderiam admirar a sua real beleza.

O nome da obra? “O Interior”. Pintada por uma artista chamada Raissa Félix: mulher, que havia feito de suas decepções com a humanidade, incríveis trabalhos artísticos, retratava em suas obras o interior mais obscuro e escondido do ser humano. Havia vivido até o ano de 2000, e falecido sozinha em um manicômio, com sessenta e seis anos de idade, onde foi internada pela própria família. Ninguém tinha muitos detalhes a respeito dos motivos que a levaram a um final de vida tão trágico, mas a sua obra era fantástica e valia alguns milhares de reais.

Devagar, com o máximo cuidado, Haroldo retirava a obra da caixa. Assim que completamente exposta, causou certo espanto: a obra valiosa, não passava de rabiscos disformes com coloração ferrugem, mas não eram apenas rabiscos feitos aleatoriamente com um pincel, valiam muito dinheiro e tinham um simbolismo: “O Interior”. Breno, o garotinho, foi o único que usou de sinceridade absoluta:

— Meus desenhos são mais bonitos que isso aí!

Logo em seguida, veio à bronca do pai, da mãe e surpreendentemente,

da irmã, que imersa em seu mundo adolescente, na maior parte do tempo, achou aquela obra incrível. Em sua mente, talvez pudesse se tornar uma artista daqui a algum tempo, afinal, fazer arte não exigia muita técnica, apenas rabiscos bem definidos e um nome atraente, dando à tela algo substancial.

Parada na porta, uma das ajudantes do lar da Senhora Paula, sentia um estranho arrepio ao olhar o quadro, não sabia ao certo o motivo, mas aquela sensação não passava. Foi chamada a realidade, quando designada para ajudar seu patrão a coloca-la na parede. Foram muitas medições, para que a obra ficasse o mais centralizada possível e logo, “O Interior”, fazia parte da decoração.

Já naquela madrugada, Joana, a filha adolescente, depois de uma longa conversa com uma de suas amigas íntimas de colégio, onde contou animada sobre a aquisição de seu pai e o gosto repentino pela pintura de telas, desceu as escadas, queria observar com mais atenção o traçado exótico. Parou em frente à imensa tela e fixou seus olhos nela.

Algo estranho começou a acontecer: Os riscos cor de ferrugem adquiriram um vermelho intenso, desenhos macabros começaram a se traçar em uma velocidade alucinante, em segundos um filme diabólico e bem arquitetado se mostrava na tela: vultos disformes, com rosto em formato de gota, com mãos deformadas e sem face, rasgavam à machadadas algo que parecia ser uma pessoa. Dos buracos que deveriam ser olhos dos vultos, saia a mais pura maldade em forma de um líquido preto e viscoso que ao escorrer, envolvia o corpo da vítima retalhada, que gritava de forma lancinante, os dedos, já deformados, alongavam-se, como espinhos de roseira, e dos espinhos, surgiam outros espinhos, mais afiados, que auxiliavam na tortura.

Os olhos da garota, de castanhos tornaram-se vermelhos e em seguida, esbranquiçados, seu corpo inteiro tremia tomado por espasmos, do

canto de sua boca, escorria um líquido preto e fétido. Foram cinco minutos deste cenário, até que tudo voltou ao normal. A garota, como se nada tivesse acontecido, voltou para seu quarto e dormiu o sono dos justos.

Na manhã seguinte, antes que a pirua escolar chegasse, tomou seu café, animada como poucas vezes a ajudante do lar, Berenice, havia visto. Estava empolgada e falante. Contava a respeito de seus planos de se tornar uma artista. A empolgação chegava a ser estranha, afinal, desde que Berenice começou a trabalhar naquela casa, e já se iam para lá de dez anos, nunca viu o interesse de Joana por outra coisa que não fosse sua própria aparência. Desde muito jovem a única coisa que encantava a garota, era o espelho.

À tarde, quando a adolescente retornou do colégio com sua mãe e seu irmão, trouxe consigo telas e pincéis. A expressão da garota estava distante, perdida. Seu irmão parecia confuso e amedrontado, Joana tinha os olhos fixos nos do garotinho, que tentava desvencilhar-se de seu olhar, mas era inútil. Uma sombra, que não podia ser vista, a rondava.

Um quarto foi especialmente preparado para que a adolescente iniciasse sua carreira de artista das telas, mas Joana não permitiu que ninguém organizasse nada para ela. Fez questão de arrumar cada detalhe, sozinha, e isso incluiu cortinas pretas, muitos castiçais com velas, nenhuma lâmpada sequer foi usada para clarear o quarto, nas paredes, apenas pôsteres da anatomia humana, cada parte de como uma pessoa é por dentro estava detalhada, o que causou horror a Breno, que inocentemente, entrou sem bater, durante a arrumação frenética, e ante o susto de olhar aquelas paredes, velas e cortinas, o pior de todos foi o olhar da irmã: no lugar do branco dos olhos, havia sangue e o centro era completamente branco. O grito foi inevitável e contido por um gesto súbito e preciso:

— Cale-se. Ou você pode ser a minha próxima obra de arte! — Joana, tapando a boca do garoto, com as mãos geladas e visivelmente espinhosas.

O garoto, apavorado saiu imediatamente, tropeçando em seus próprios pés. Pensou em alertar sua mãe e seu pai, que nunca estiveram tão radiantes pelo interesse da filha pelas artes, mas desistiu. Sabia que levaria uma bronca, onde seu mundo imaginário seria mais uma vez o culpado de todos os males.

Joana, que mantinha seu atelier trancado a sete chaves, começou a passar horas, trancada no recinto. Ouviam-se sons estranhos, pareciam conversas desconexas e risadas, mas para todos, a garota como sempre, estava ao celular com seus colegas. Colegas estes, que devido ao comportamento da garota, eram cada vez mais raros. As madrugadas eram sempre em frente ao imenso quadro da sala. Berenice e Breno, já notavam que algo não ia bem e mesmo tentando alertar os pais da garota, não foram ouvidos.

Todos os dias, a mesma pergunta:

— E a obra, minha filha?

E a resposta:

— A primeira está quase pronta!

Isso sempre era seguido por um brilho negro no canto de seus olhos. O que deixava Breno e Berenice, cada vez mais assustados, pois o brilho negro parecia que os seguia.

Era final de outubro, depois de uma semana inteira de faltas ao colégio e uma triste coincidência, o desaparecimento do cão de estimação da família, que a primeira tela foi finalizada. A tristeza pelo desaparecimento do companheiro de Breno foi substituída pela alegria dos pais, que ao verem a primeira obra da filha concluída, esqueceram-se completamente da dor do garoto.

A tela era expressiva: Tinha tons vermelho escuro, ferrugem e vermelho vivo. Dava a impressão de algo disforme, mas ao mesmo tempo via-se uma imagem, como a imagem de um animal ferido, à beira da morte,

com o olhar apiedado, não se definia qual era o animal, pois tudo era feito de forma muito discreta e somente depois de muita observação chegava-se a esta conclusão. A garota tinha realmente talento e nomeou sua tela: “Viagem sem Volta”.

Breno e Berenice se entreolharam e ao voltarem à visão para a tela, à sua frente, parada, Joana, com a face completamente transfigurada: seu rosto eram veias expostas, seus olhos completamente brancos, suas mãos pareciam estar em carne viva e seu sorriso, era apenas um buraco negro. Berenice soltou um grito alto, abraçando o garoto, que estava em lágrimas. Os pais imediatamente voltaram seu olhar, que até aquele momento, estava fixo na obra prima da filha. Mas ao lado de Berenice e Breno, apenas a mesma garota linda de sempre, sorria para os dois dizendo:

— Veja mamãe e papai, se minha obra causa este tipo de emoção em quem não a entende, imagina aos olhos de especialistas? — Girou sobre os calcanhares e caminhou serenamente até seu atelier.

Berenice e Breno não conseguiam parar de tremer. O recado havia sido muito claro e antes que algo pior acontecesse, precisariam descobrir a realidade dos fatos.

Primeiro, fingindo uma doença, Breno não foi à escola naquele dia. Entraria de qualquer maneira naquele quarto maldito. Berenice, que durante a madrugada, montou vigília na sala, pois há um bom tempo ouvia barulhos estranhos durante a madrugada, viu em quem Joana se transformava ao parar em frente àquela tela. Com muita dó do garoto, e medo, resolveu o ajudar.

Forçaram a entrada no atelier, durante a ausência da garota, mas não conseguiram. A porta, extremamente pesada e fechada com várias trancas, era praticamente impossível de ser aberta pelos dois. Berenice abaixou-se para olhar pela fresta, mas a escuridão não permitia que nada fosse visto, apenas forte odor de sangue, deixava-se escapar discretamente. Foram então,

em busca de informações a respeito da artista que pintara a tela: Raissa Félix.

Enfiados com a cara no notebook, vasculhavam cada centímetro da mais completa rede de informações do planeta e, depois de horas de elogios rasgados às obras da artista, encontraram o depoimento de um antigo colega de escola, e começava assim:

"Era apenas uma escola comum, no ano de 1957, onde muitos jovens cursavam o ensino médio, para muitos, a pior fase de suas vidas, onde a discriminação grita alto, onde aquele que não é igual, aquele que possui uma visão diferente da maioria, é severamente punido e colocado de lado, sem piedade e com requintes de crueldade. O grande problema é que na maioria das vezes, ao fechar-se e buscar maneiras de continuar, o jovem discriminado e rechaçado, encontra em seu interior, seu pior lado. Um lado sombrio, que beira a loucura, psicopatia, onde a falta de sentimento e empatia, passa a ser sua defesa e torna-se tão comum, quanto o respirar! E foi assim, que tudo começou... Depois de passar por várias escolas, em busca de seu espaço, Raissa, uma garota de quinze anos, cabelos castanhos, olhos da mesma cor que suas madeixas, corpo não tão magro, como o que a sociedade exige e uma inteligência acima da média; adaptou-se àquela. Encontrou alguns colegas que dividiam seu gosto pela música e arte. Parecia mesmo inacreditável. Pela primeira vez, depois de longos anos de desprezo e interiorização, amigos com quem pudesse dividir conversas animadas e risos fáceis. A tortura de ir ao colégio transformou-se em prazer. Sentimentos ruins quanto às pessoas desapareceram de sua mente, dando espaço há algo novo: "esperança". Uma pontinha pequena, um fio apenas, mas algo de importância extrema, para alguém, que quando só em seu universo, só via sombras e vultos. Aquele desejo de vingança contra o mundo, a ira que rondava seus dias agora estava adormecido. O colégio sempre oferecia passeios a lugares onde a cultura era mostrada sob seus vários ângulos, a

física, a química, era demonstrada de forma prática, a filosofia debatida à exaustão. Tudo parecia mesmo um sonho! Mas naquele dia, um dia antes do passeio que levaria os alunos ao encontro de obras de arte, aconteceu algo, que marcaria a vida de Raissa, de forma negativa para todo o sempre. Algumas pessoas da escola, dizendo admirar a sua voz, chamaram-na ao palco da escola para cantar e ao final, em sua direção voaram tripas e muito cocô de galinha, misturadas a sangue e larvas, devido à decomposição em que se encontrava o material guardado durante dias para, segundo eles, fazer o batismo de Raissa. Foi cruel e desnecessário e todos puderam ver, foi nítida a sua transformação. Ela desceu do palco, calada, enxugando as lágrimas que insistentemente caíam pelo rosto. Olhou fixamente para o rosto de cinco garotos: dois rapazes e três moças, que não faziam parte do círculo de amizades dela, apenas eram aquele grupo que se auto intitula "maioral"; e caminhou até o vestiário. Todos ficaram chocados, alguns riam outros apenas observavam. Imaginou-se que não apareceria na escola para o passeio, mas ela apareceu! Altiva, determinada a continuar. Na exposição, o guia nos falava sobre arte contemporânea e entre suas explicações disse: Até um assassino pode tornar-se um artista! Basta que use criativamente o sangue de sua vítima para dar forma aos pensamentos... Pode ser que ninguém tenha reparado, mas eu vi os olhos dela! Naquele momento, uma estranha ligação dela com o guia, olhos negros fixaram-se um no outro... Ninguém tem provas, nunca conseguiram ligar os assassinatos dos cinco jovens à Raissa, mas a cada um que desaparecia, ela lançava mais um quadro de sucesso, que em pouquíssimo tempo, se tornava valiosíssimo. Todos eles com tons ferrugem e imagens desconexas, que se bem observados, mostra rostos disformes e partes do corpo em exposição. Nunca mais a vi, sei que acabou em um manicômio, mas ninguém tira da minha cabeça, que ela fez um pacto com o demônio, naquele dia, no museu de Belas Artes, e todas

as suas obras são feitas a partir do sangue das pessoas a quem ela matou."

Breno e Berenice se entreolharam assustados, tudo fazia sentido! A obra da famosa artista carregava uma maldição. Precisavam avisar aos pais da garota. E seria naquele dia.

Enquanto Berenice imaginava como começaria a tal conversa, a porta de entrada da casa bateu forte, Breno, que estava sentado à mesa da cozinha, atento aos pensamentos que saiam altos pela boca de Berenice, correu para trás da mulher, escondendo-se em suas pernas. O horário do colégio da irmã, ainda não havia terminado, mas ele tinha certeza de quem batera com força, a porta.

Devagar, caminharam em silêncio absoluto, até a sala de visitas, onde, parada em frente ao quadro, levitando e transfigurada, estava Joana: Seus olhos completamente brancos, e pelos cantos escorria um líquido preto e viscoso, sua pele tinha a aparência de veias roxas e esverdeadas, seu rosto já não tinha a feição delicada, parecia haver protuberâncias nas bochechas e testa, dela, vinha um terrível cheiro de vômito e ela gargalhava alto, enquanto conversava com a pintura, segurando um machado de açougueiro:

— Sim. Minha obra será eterna! A essência de uma família inteira em uma única tela, onde além do sangue, usarei as vísceras de cada um deles. O nome... Qual será o nome? — Nesse momento, seu pescoço gira 360 graus e com os olhos fixos no pequeno Breno, ela diz, com a voz mais infernal que alguém já pôde ouvir: — Qual será o nome, querido irmãozinho? — Nisso, se lançou contra os dois, que tomados pela adrenalina, correram como nunca, em busca de um esconderijo. Pela porta dos fundos, atingiram o jardim, correram até uma velha edícula, nos fundos da casa e trancaram-se. Pela janela, via-se o vulto daquela, que um dia foi Joana, rondando a edícula com um imenso machado, que usava para golpear portas e janelas enquanto cantava uma tenebrosa canção:

"Uma tela vou criar. Para o mundo encantar. Sangue e vísceras vou usar. Sua alma vou arrancar, no dia que me encontrar e parar para me apreciar!"

O pavor tomou conta das próximas vítimas, encurraladas. A porta estava quase sendo derrubada, quando o som do carro de Haroldo e Paula, foi ouvido. A sombra nefasta desapareceu. Berenice e Breno imaginaram que o demônio havia ido encontra-los. O medo de sair era grande, mas não podiam ficar parados, sem fazer nada. Pé ante pé, agarrados um no outro, caminharam até a entrada dos fundos, puderam ouvir o convite:

— Vamos. Vou lhes mostrar a minha mais nova obra de arte!

Ainda ouviram o som das risadas dos pais, que satisfeitos, subiam a escada... Ou se apressavam, ou seria tarde demais. Breno gritou:

— Papai! Mamãe! — Os dois voltaram o rosto para o garoto, seus olhos estavam completamente brancos. Joana fixou seu semblante monstruoso em Breno e subindo degrau por degrau, segurando seu machado e cantando aquela mesma canção. Virou-se, já no último degrau e com um gesto, fez todas as portas e janelas trancarem-se, olhou para os dois e disse:

— Já volto para busca-los. — Entrou em seu atelier, e assim que a porta se trancou, os gritos começaram a ser ouvidos, seguidos de cada golpe de machado dado.

Berenice em um lampejo estalou os dedos e correu até a cozinha, seguida de perto por Breno, que em soluços, já não tinha mais esperanças. Pegou uma garrafa de álcool, uma caixa de fósforos e como um foguete, entrou na sala de visitas e começou a jogar o líquido inflamável sobre toda a tela, passos na escada foram ouvidos, a imagem era horrenda: Joana, banhada em sangue, com pedaços de cérebro entre os dentes, entoando em sopros, sua melodia e arrastando o machado pelos degraus.

Berenice tentava riscar os fósforos, mas seu desespero era tanto, que

não conseguia, assim que conseguiu, Joana os atacou. O fogo começou a se espalhar pelo quadro, enquanto Joana, com uma força sobre-humana, os arrastava pelos cabelos escada acima. Logo a casa toda estava em chamas e os últimos gritos foram ouvidos. Breno e Berenice, assim como seus pais, estavam mortos.

Os bombeiros foram chamados pelos vizinhos, que agoniados queriam notícias da família Daltro. A casa foi invadida, no andar de cima, pouca coisa restava apenas cinco corpos carbonizados, dentro de um único cômodo, no andar de baixo, estranhamente, apenas a sala de visitas ainda possuía alguns objetos intactos, entre eles, a valiosa pintura de Raissa Félix.

A família Daltro, não se salvou. Não restou ninguém. Até hoje o motivo do incêndio não foi descoberto, peritos foram chamados, mas nada. Concluiu-se que algum curto circuito poderia ter causado toda aquela tragédia.

O quadro? Voltou para o seu lugar de origem, exposições de arte e leilões, até que uma família de muitas posses e bom gosto artístico o quisesse novamente. Na mansão, ainda se ouve vez ou outra uma espécie de canção sendo entoada. Alguns juram que conseguem ouvir a letra e a melodia, que é mais ou menos assim:

"Uma tela vou criar. Para o mundo encantar. Sangue e vísceras vou usar. Sua alma vou arrancar, no dia que me encontrar e parar para me apreciar!"

Outros, dizem que se olhado de cima, pode-se ver perfeitamente uma imagem que o incêndio deixou gravada no chão: Cinco pessoas e um machado cravado no peito de cada uma e logo acima, uma cruz invertida, feita com pincéis...

O terreno, ainda continua à venda, depois de dez anos da tragédia e o quadro... Bem, segundo as notícias dos jornais, parece que foi doado a uma

instituição de caridade mantida pela igreja, por uma família rica que o havia comprado, mas estranhamente o lugar acabou em chamas e o que restou, foram corpos carbonizados, todos dentro de um mesmo local, a diferença, é que ao invés de uma pintura intacta, havia duas, uma delas, pintada por uma freira e intitulada: “As Almas de Uma Instituição Vistas de Dentro para Fora!”.

O que farão com esta obra? Parece que fizeram reprodução em série e colocaram em muitas lojinhas que vendem produtos de decoração baratinhos, para que a renda fosse revertida em prol das instituições... Provavelmente já esteja habitando as paredes de muitos lares!

Fim


NATAL
SOBRENATURAL

Natal Sobrenatural

O Natal havia se tornado uma festa fútil e sem sentido para Lavínia. Ninguém mais acalentava no peito seu verdadeiro sentido, que mesmo, sendo mentiroso; afinal, a data só foi instituída pela Igreja, para neutralizar o poder de uma festa pagã, que simbolizava, entre os celtas, o nascimento do deus Sol; mas isto ajudava a unir corações e famílias em volta de uma mesa farta. A ceia era dividida entre todos, que exatamente à meia noite, davam-se as mãos para uma oração, afinal, Jesus acabara de nascer e trazia ao mundo, a luz do amor. Em seguida, papai Noel, ou em sua verdadeira origem, São Nicolau: um arcebispo turco do século IV que costumava ajudar pessoas pobres da cidade de Mira, colocando moedas de ouro nas chaminés de suas casas durante a época de Natal. As crianças felizes e sorridentes, rasgavam seus pacotes de alegria... Ah... Saudades de uma época que já não voltaria mais.

Lavínia havia perdido seus pais há cerca de um mês. A morte foi trágica, e deixou marcas profundas na mulher, que depois de um terrível acidente, cuidou de seus pais, que partidos em mil pedaços, após o acidente violento, padeceram e, mesmo lutando, foram vencidos pela faminta morte.

Sempre unidos, os pais mantinham a família em retalhos, unida, pelos pontos de uma costura, que cabia a eles manter intacta. Sempre com palavras de bondade, paciência... Ela não sabia se por respeito, mas isso mantinha a falsa paz, e fazia a engrenagem familiar funcionar, mesmo que muita graxa fosse necessária.

Desde então, afastou-se por completo de seus irmãos. Eram hipócritas, sempre preocupados com seus próprios umbigos. Durante todo o

padecimento de seus pais, nenhum deles se prontificou a ajudar Lavínia, apenas passavam vez ou outra, para certificarem-se de que estava tudo bem, e logo partiam para suas vidas de glória, construídas sobre o sulco que escorria, das pisadas que davam tanto nos pais, quanto em Lavínia. Eram sangue sugas... Foi isso que o sábio tempo, mostrou a ela.

Com os pais mortos, e as máscaras caídas, o primeiro Natal, sem os pais, seria ela, e apenas ela, na casa deixada por eles, lugar de onde teria que sair, afinal, a herança deveria ser repartida. Logo seria posta a venda.

Pôs-se de pé em frente ao espelho, naquela noite do dia 24 de dezembro. Olhou-se, já com seus trinta e poucos anos, com a vida dedicada aos cuidados dos pais, pois, não sabia exatamente explicar o motivo, nunca foi capaz de deixa-los, para seguir seu próprio caminho, percebeu o quanto havia perdido. Mas foi por opção, os pais sempre a incentivaram a viver sua própria vida... Agora, com alguns cabelos brancos a tingir suas madeixas negras e as marcas, pelo rosto, de uma juventude passada, percebeu o quanto sua vida fora desperdiçada... Já não tinha mais volta. O impiedoso tempo não regressaria.

Uma terrível mágoa tomou-lhe o peito... Mágoa? Mágoa do que? Foi você quem escolheu esta vida! Estas foram as primeiras palavras que vieram à sua mente, assim que se deu conta de seu pensamento. Retirou os olhos do espelho e os direcionou para o chão. Era o lugar em que todos os seus sonhos estavam!

Desceu as escadas, quase moribunda, tal a falta de perspectiva, daquele momento em diante. Parou em frente à janela, abriu a pesada cortina cor de ferrugem e viu as luzes de Natal, piscando como vaga-lumes. Aquilo não condizia em nada, com os sentimentos que carregava no peito, então a fechou novamente e jogou-se no sofá. Cansada de viver, cansada de respirar, cansada de pensar: “O que poderia ter feito? Se tivesse feito, onde estaria?”.

Pensamentos cansam, ainda mais quando levam a becos sem saída e questões sem resposta.

— Maldita hora que reneguei a minha vida! Como fui estúpida! O que pensei? Que seria recompensada pela bondade que meu coração dispensava a todos? — A ira que Lavínia tinha nos olhos, quase podia ser tocada, tal a intensidade que possuía.

Com a cabeça entre as mãos e os olhos fechados, sentia o peso de ser bondosa, quando na verdade, tudo o que quis a vida inteira, foi ter a sua própria vida...

Um barulho começou a se fazer insistente... Algo semelhante a um tambor tocando baixo e com as batidas ficando mais altas, a impressão que Lavínia teve, foi de que se aproximavam da sala escura, com paredes recobertas por quadros antigos com imagens de seus antepassados e pinturas, que beiravam as "pinturas negras", como: Saturno devorando seu filho, de Francisco Goya; ou o "Estudo do Retrato do Papa Inocêncio X segundo Velásquez", pintado por Francis Bacon...

Retirou as mãos do rosto. O barulho mantinha-se insistente, ritmado e cada vez mais próximo, mas não havia como saber a direção de onde vinha. Parecia vir de todos os lados. Lavínia cobriu os ouvidos, mas foi inútil. Começou a caminhar, com os olhos atentos, pela sala. Sentiu os pelos de sua nuca arrepiarem-se. Parecia que alguém a observava, na solidão da casa, antes repleta de alegria... Mas será que algum dia houve alegria verdadeira naquele lugar? A alegria que rondava os natais era realmente verdadeira? Pensando bem... Tendo em vista o egoísmo de seus irmãos, seus pais haviam acertado na educação dos filhos? Nos ensinamentos e em tudo o que, agora, aos olhos de Lavínia, parecia uma imensa baboseira?

Uma mão gelada segurou seu braço. Estagnada pelo susto, não pôde virar-se, mas pôde ouvir claramente a voz, que em seu ouvido, sussurrava

baixo:

— Tudo poderá ser diferente! Se desejar, terá uma família tão preciosa quanto a que tinha, quando seus pais ainda eram vivos.

A voz veio seguida de um bafo gélido e mal cheiroso. Lavínia teve tanto pavor, que sentiu as pernas de suas calças molharem-se, pelo líquido quente, que escorreu de sua bexiga, e fez uma poça no tapete vermelho e peludo. Correu escada acima, sem olhar para trás.

Trancou-se em seu quarto, como uma garota de cinco anos, amedrontada por um pesadelo. Jogou-se em sua cama e cobriu-se inteira, até a cabeça, com uma pesada coberta. Mas foi inútil. Logo o tambor estava ao seu lado, com o mesmo som ritmado e insistente. E lá estava a voz, do que quer que fosse aquilo:

— Basta dizer sim, assim como seus pais fizeram, antes do seu nascimento! Toda a sua vida será transformada! Nada de marasmo. Nada mais de prantos. Nada mais de solidão! Terá vinte anos, a contar de hoje, para obter tudo... Eu disse tudo, o que desejar.

O tambor bateu mais alto, e com ele, risadas debochadas.

Lavínia, acovardada, não foi capaz de destapar a sua cabeça, mas aquela proposta, de alguma forma, mexeu com seu íntimo, e é claro, a “coisa”, percebendo seu interesse, não se retirou:

— Pense, garota... Nada pode ser pior, do que uma vida de solidão. E acredite, você está fadada a isso. Foi assim até hoje, e será sempre... Seus pais fizeram isso, com você. Desperdiçou a vida... Seus irmãos só têm as suas próprias vidas, porque a sua me foi dada!

Os olhos de Lavínia iam se esbugalhando, conforme aquelas palavras eram ditas. Um suor gelado tomou conta de seu corpo, e toda a sua vida, como em um relance, apresentou-se diante de seus olhos:

“Todos os romances frustrados, pois ninguém era bom o suficiente

para ela, segundo o olhar atento de seus pais, que após decepcioná-la, dispensavam amor e carinho incondicionais. Todas as tentativas de terminar uma faculdade, que nunca era a certa para ela, em seguida, uma viagem a qualquer lugar que desejasse. As repentinas doenças, todas as vezes que pensava em tomar para si, as rédeas de sua vida. Em seguida, uma bela recompensa em forma de dinheiro em uma conta poupança, que atualmente, estava bem gorda."

Tudo, ouvindo a voz estranha, parecia fazê-la pensar que seus pais evitaram propositadamente a sua saída daquela casa. Mas por quê? Ela não era a única filha. Havia dois irmãos mais novos...

Devagar, Lavínia começou a retirar a coberta de sua cabeça, suas mãos trêmulas e o corpo suado e gelado fazia-lhe pensar em desistir do ato de bravura. Mas, após mais alguns segundos, perdida em sua história, que nunca havia passado de parte daquelas paredes, retirou por completo o pano que a separava da criatura, que falava com tanta propriedade, sobre coisas que ela mesma, nunca havia parado para pensar.

E qual não foi a sua surpresa?! Era papai Noel... Mas não um papai Noel velho, barrigudo e barbudo, não! Era alto, tinha a barba negra, assim como os cabelos, por baixo do gorro, que não era vermelho, e sim negro, com os pelinhos que o circundavam, vermelhos. Sua tradicional roupa acompanhava a cor do gorro. Negra e vermelha. Segurava também um saco, mas não tão grande quanto o dos papais Noéis tradicionais, era menor. Seus olhos tinham a cor do âmbar.

Menos impactada, pois imaginava algo monstruoso, sentiu vontade de falar, e então, questionou:

— Quem é você? E porque está aqui esta noite?

O "papai Noel" sentou-se, sobre nada, cruzou as pernas e olhando fixamente nos olhos de Lavínia, respondeu sem muito rodeio.

— Quer que eu fale? Ou prefere que eu te mostre?

Lavínia sentiu medo. O que aquele homem à sua frente, surgido de um barulho infernal de tambores, poderia mostrar-lhe? Mas a curiosidade sempre foi instinto nato de qualquer ser humano. Então, ela respondeu:

— Mostre-me!

O papai Noel, segurou-lhe a mão e em instantes, estavam em uma encruzilhada. Onde estradas de terra se juntavam, vindas de quatro direções diferentes.

Ao longe, ouvia-se o som de bombas e muitos tiros, o frio era intenso. Parecia uma guerra... Olhando atentamente, era sim! Uma guerra, e pelo visto, sangrenta. Parados, na encruzilhada, seu pai, que segurava sua mãe nos braços, com parte do ventre à mostra e praticamente sem vida.

O homem colocou o corpo da mulher ao chão, e à sua volta, traçou um círculo, na terra, com um galho de árvore, que estava caído. Com uma faca, que carregava na cintura, o pai de Lavínia, ainda jovem, provavelmente com a idade que a mulher tinha hoje, cortou a sua mão e deixou que o sangue pingasse, fazendo com ele, um desenho: Um pentagrama invertido sobre o corpo da esposa, que já quase não respirava. E então, abafado pelo som das bombas que caíam, cada vez mais perto, ele gritou alto, em meio à escuridão:

— Me ajude! Não posso perder minha esposa e filha! Roguei a Deus que nos poupasse das consequências desta guerra, mas Ele não me ouviu! Uma bomba caiu ao lado de nosso humilde casebre, e olhe. — Gritava o homem, apontando para a sua esposa. — Veja o que aconteceu! Me dê minha mulher e filha de volta, e daremos o que desejar. — Caiu em prantos, sem resposta.

Minutos depois, um silêncio se fez. As bombas cessaram, e o clarão que produziam no céu desapareceu, tornando tudo um breu completo. Apenas o sangue do homem, misturado ao da mulher, brilhava de maneira magica...

Mágica? O sangue brilhando na escuridão como um farol? Lavínia encolheu-se, observando o sangue de seu pai, misturado ao de sua mãe, tomarem forma...

Ao lado dos dois, dentro do círculo, do sangue derramado formou-se um homem, exatamente como o que havia carregado Lavínia ao dia em que tudo teve início.

— Aqui estou. — Disse o papai Noel, ao homem, que incrédulo, esfregava os olhos. — Mas pense bem amigo. O que me pedes, é muito pouco. Posso lhe dar mais... Muito mais do que pedes. Posso te tirar deste inferno, te dar riqueza, uma bela casa, uma família, além de sua esposa de volta e, é claro, sua linda garotinha. Onde já se viu! Em plena noite de Natal, jogarem bombas na casa de gente humilde... — O ser balançava a cabeça em negativa e estalava a língua. — É fácil! Basta dizer sim, selar teu compromisso comigo e pronto. — Papai Noel rodeava o corpo da mulher e do homem, e atrás de si, deixava uma espécie de rastro de fogo.

— Mas como isso é possível? Somos pobres. A única coisa que tínhamos, era um ao outro, e nossa filha que nasceria em breve.

— Comigo não há dificuldades, rapaz! Nada que uma... Uma não, no caso três almas, não resolvam o problema. Você ainda pode se dar por feliz, pois costumo dar dez anos para cada alma, como daqui levarei três, vou lhe dar trinta anos. Olhe isso! Trinta anos de vida farta. Família linda e próspera! — O homem olhos cor de âmbar, que brilhava como um farol sorria com o canto da boca.

Sem pensar duas vezes, o pai de Lavínia, em um sussurro diz:

— Eu quero! O que preciso fazer?

— Boa escolha! O que é uma alma, ante trinta anos de felicidade! Bem, sua filha é minha. Nascerá perfeita, mas será guardada para mim! E quando terminarem os trinta anos, virei busca-los, e tomar o que é meu por

direito. Agora, ante a sua promessa, basta apenas me beijar! Bem aqui. — Disse o papai Noel, apontando para seus pés flamejantes e fétidos.

O pai de Lavínia levantou-se, e com os olhos fechados, selou o pacto com um beijo, nos pés do demônio, que não consistiu apenas de um beijo... O demônio mordeu a cabeça do homem e sugou o sangue.

Em seguida algo brilhante, que saiu da ferida da cabeça do pai de Lavínia, tornou-se negro, e foi aspirado pelo demônio, que se regozijou em gozo. Em seguida, abaixou-se e fez o mesmo com a moribunda e exatamente a mesma coisa, com o feto, que foi retirado de sua barriga, e posto novamente, assim que seu inocente sangue foi sugado.

Lavínia cerrou os olhos, aquela cena era atordoante. Em poucos segundos, ele desapareceu. Sua mãe, como por milagre levantou-se, e, no que antes era um abdome exposto, havia uma barriga, pequena, mas já tomando os contornos de uma gravidez...

Como em uma viagem astral e alucinante, estavam os dois de volta a casa: Lavínia e o papai Noel.

— Agora já conhece a verdade! És minha Lavínia! De agora em diante, sua vida nunca mais será a mesma. — O papai Noel, saltitava em volta da mulher, com uma alegria poucas vezes vista por ela, mesmo nas noites felizes de Natal que passara com sua família.

— Eu não te prometi nada! — Lavínia afastando-se, temerosa por sua vida e seu futuro, que agora, parecia muito mais negro do que antes.

— Você é minha, garota! E se não for por bem, será por mal! Te levo do mesmo jeito, mas não te darei vinte anos de prazer e vida boa!

— Por que vinte? Ao meu pai e minha mãe, deu trinta por que eram três almas...

— Por que até mesmo o filho do tinhoso, precisa de uma mãe durante a infância!

Dizendo isso, atirou-se sobre ela:

— Quem deseja que eu seja, antes que deposite meu filho no teu ventre? — O demônio transfigurava-se em vários homens, que sabia, eram os que rondavam a cabeça de Lavínia.

Por fim, transformou-se nele mesmo e, a tomou violentamente.

Lavínia, agora, carregava no ventre, o filho do mau... Mas pelo menos, sua vida seria menos vazia. Teria algum tipo de felicidade, já que seus pais haviam decidido por ela, quando ainda era apenas um embrião mal formado.

O que faria, daquele momento em diante? Imaginem só! Lavínia apaixonou-se por seu pequeno malvado. Quanto amor se pode ter por aquele que nasceria para destruir a humanidade? Agora ela entendia...

Completamente transformada, pelo poder que a tomou, foi feliz. Sorria ao ver seu filho maltratar animais, e aniquilar com os olhos, qualquer um que cruzasse seu caminho.

Sua alma, agora, era como foi desde o começo, falsamente bondosa. Viu seu filho aniquilar os primos, os tios e as tias. Eles não pertenciam ao seu mundo... Lavínia sempre foi a má, nunca a boa, como costumava gritar aos quatro ventos. Em sua alma, o desejo de ver seus irmãos punidos, sempre permeou seus pensamentos, e agora, com seu filho amado, era fácil demais.

Mas os anos apressavam-se a caminhar, e, quando viu seu filho, aos vinte anos, assumir um cargo de alto comando na política, foi morta... Morta pelo filho, a quem amou de uma maneira inexplicável.

Naquela noite de Natal, seu filho, pela primeira vez mostrou-se a ela como realmente era. E sem um pingo de qualquer coisa que pudesse se assemelhar a um sentimento, disse:

— Vá! Meu pai te espera.

Do aparador da sala, pegou um punhal, e enquanto apunhalava sua

mãe, milhares de vezes, gargalhava alto, bebendo o sangue que jorrava. Lavínia implorava por sua vida, declarando seu amor, que foi completamente ignorado, como havia sido a vida inteira... Ela não era nada. Apenas parte de um pacto para que tudo se cumprisse!

E se cumpriu. Papai Noel, com sua veste negra e vermelha, colocou dentro de seu saco a alma de Lavínia, que chorava sangue. Beijou seu filho nos lábios e disse:

— Vá filho! Tome o que é teu por direito!

— Eu te amo, pai! Te aguardo no próximo Natal.

Dito isso, sumiu com a alma de Lavínia por um buraco negro que se abriu... Triste fim... Triste início... Triste vida a de Lavínia! Apenas um objeto nas mãos do mal. Morrer no ventre de sua mãe teria sido mais digno. Perdeu sua alma, mesmo antes de nascer. Não teve direito algum sobre cada passo seu. Restava-lhe agora, fazer o que nasceu para fazer, descontar a ira que a acompanhou durante a vida, torturando almas e fazendo pactos, para arrecadar cada vez mais, e mais, e mais...

Lavínia, agora, era a rainha das encruzilhadas. Apossava-se de corpos e almas, sem piedade, com beijos ensanguentados e prazer indescritível, ao aspirar à essência das almas, que por ganância de ter o que não é possível, entregavam-se, sem ter ideia do que os esperava, no pós morte!

Agora, Lavínia tinha a eternidade. Infernal eternidade, que lhe daria o que ela sempre desejou... Iria aonde desejasse. Faria o que desejasse, encontraria almas perturbadas, com as quais brincaria durante dez anos, ou quem sabe, vinte, trinta... Bastava encontrar alguém que lhe dissesse sim!

FIM

Agradecimentos

Minha gratidão aos amantes do terror e do suspense!

Marli D.H.F.